

# Mar de palavras

*poesias reunidas*

**Pablo Neruda**  
**D. Casaldáliga**  
**Patativa do Assaré**  
**João Cabral**

**Ana C. Pessoa**  
**Maria Paula**  
**Bertold Brecht**

**Ferreira Gullar**  
**Carlos Marighela**  
**Olavo Bilac**  
**Eduardo Galeano**





## *Dedicatória*

O Sindicato dos Professores do ABC dedica o Caderno de Formação nº. 05 – MAR DE PALAVRAS – a todos aqueles que por vocação abraçaram o Magistério, tornando-se professores e professoras, que diariamente contribuem para a formação de nossa sociedade.

Sabemos dos muitos problemas enfrentados por nossa categoria... Sabemos, também, dos grandes desafios que a Educação representa em nosso país. Apesar de tudo, na lida diária, reafirmamos, a cada instante, nosso compromisso social. As teorias pedagógicas que fundamentam nosso trabalho diário, fortalecem nossos princípios e ideologias educacionais; e apontam um caminho didático.

A poesia embeleza o dia-a-dia, embevece a alma, faz brotar nos lábios o sorriso, e na mente a reflexão. Aglutinarmos as duas é uma forma de tornar mais eficiente nosso trabalho, além do que, como dizia o poeta: “beleza é fundamental”. Esperamos que este Caderno possa tornar mais suave nosso trabalho no despertar de nossos alunos para a reflexão sobre justiça, liberdade e direitos humanos, tão necessários na construção do país que queremos, pelo qual lutamos há longa data.

A todos nós.

Diretoria do SINPRO ABC

*Sempre valorizando o Professor!*

## Desejo

Sabor e saber  
misturam-se  
em versos e versus.

Cor e sabor  
entrelaçam-se  
na magia da palavra,  
no encanto do sentimento,  
na liberdade de criar.  
um Mar de Palavras.

Denise

*“Se não houver frutos  
Valeu a beleza das flores  
Se não houver flores  
Valeu a sombra das folhas  
Se não houver folhas  
Valeu a intenção da semente.”*

Chico Ceola

# Apresentação do Caderno de Formação nº 5 Mar de Palavras: Poesias reunidas

*“É verdade que vivo em tempos negros. [...] Que tempos são esses, em que Falar de árvores é quase um crime Pois implica silenciar sobre tantas barbaridades?”*

*Em meio a tantos dilemas e problemas, das lutas que parecem sem fim, surgem o canto, a música e a poesia como expressões da esperança de todos aqueles que trabalham por uma sociedade justa e igual.*

*As poesias aqui reunidas são expressões desta expectativa inquietante, daquela que move da alienação para o engajamento. Esperança daqueles que lutam por um novo mundo, em que a paz e a justiça estejam efetivamente presentes e o direito corra como água em todas as direções.*

*A poesia “Aos que vão nascer”, de Brecht, nos motiva a publicar esta coletânea de poesias, pois mesmo vivendo em tempos em que falar de árvores, flores e poesias pode parecer uma perda de tempo, nós entendemos que sem o sopro da esperança pintada neste Mar de Palavras não se luta, não se vive, não se faz acontecer.*

*A poesia é este sopro de esperança, que nos reorienta para a busca de novas conquistas. Desta forma, o SINPRO ABC coloca nas mãos de cada educador e educadora estas gotas de esperança e convida a todos e todas para juntos construirmos uma educação de qualidade para todas as pessoas.*

*Bom mergulho neste mar de palavras e esperanças!*

*Prof. Oswaldo de Oliveira Santos Jr.*

**Educação Não é Mercadoria!**

# *Mar de palavras: poesias reunidas*

*O Sindicato dos Professores do ABC agradece a todos os professores e professoras que gentilmente nos cederam parte de sua produção e ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, pela cessão dos direitos de publicação da obra “Gerações: coletânea de poesias”, de onde foi tirada parte das poesias publicadas neste Caderno de Formação.*

*Estes gestos reforçam a expressão de solidariedade e exemplo de que na luta por um mundo de paz e justiça não existe espaço para o sectarismo e para a intolerância.  
À Secretaria de Formação do SINPRO ABC só resta esta homenagem, em sinal de gratidão.*

*Prof. Paulo Cardoso  
Prof. Marcelo Buzetto  
Secretaria de Formação do SINPRO ABC*

# Carlos Marighella



Há quem diga que Carlos Marighella era um precoce. Nasceu em Salvador (Bahia) em dezembro de 1911 e, ainda na adolescência, despertou para as lutas sociais. Aos 18 anos, ingressou no curso de Engenharia da Escola Politécnica da Bahia e tornou-se militante do Partido Comunista.

Aos 21 anos, conheceu a prisão pela primeira vez, por ter escrito um poema que fazia críticas ao governo local. Ao sair da prisão, no mesmo ano, largou os estudos e mudou-se para o Rio de Janeiro. Em 1936, já sob regime autoritário de Getúlio Vargas, foi preso novamente e duramente torturado.

Trocou o Rio por São Paulo no ano seguinte, onde continuou se empenhando na causa comunista. Em 1939 voltou a ser preso e ganhou notoriedade por sua resistência aos maus tratos.

Atuou na legalização do Partido Comunista, com o fim da Ditadura Vargas, mas voltou à clandestinidade em 1948, com o endurecimento do governo Dutra.

Marighella voltaria à prisão na Ditadura Militar (após 1964) e, ao sair, desligou-se da executiva do Partido Comunista, para realizar um trabalho “junto às massas”. Foi apontado como “Inimigo Número Um” da nação e procurado por toda polícia do país.

No dia 4 de novembro de 1969, foi vítima de uma emboscada na alameda Casa Branca, em São Paulo, e morreu atingido pelas balas do DOPS. Tornou-se um mártir da luta em nome da justiça social.

## Confraternização

*Carlos Marighella*

Braços caídos.  
 Não mais as mãos nervosas das tecelãs  
 tocando os  
 teares,  
 pondo emendas no fio  
 não mais o matraquear dos teares  
 batendo  
 num barulho monótono, ensurdecedor.  
 Apenas braços caídos,  
 As operárias pensando nos filhos com  
 fome.

Depois vieram os soldados,  
 Fuzis embalados,  
 Defender a propriedade do dono da  
 fábrica.  
 Mas também tinham filhos,  
 Mães, noivas, irmãs.  
 A fome era a mesma nos seus lares  
 também.  
 E as tecelãs os saudaram  
 Chamando-os de irmãos.

Agora na fábrica há braços erguidos,  
 Aclamando,  
 E há mãos se apertando.

## **Liberdade**

*Carlos Marighella*

Não ficarei tão só no campo da arte,  
e, ânimo firme, sobranceiro e forte,  
tudo farei por ti para exaltar-te,  
serenamente, alheio à própria sorte.  
Para que eu possa um dia contemplar-te  
dominadora, em férvido transporte,  
direi que és bela e pura em toda parte,  
por maior risco em que essa audácia importe.  
Queira-te eu tanto, e de tal modo em suma,  
que não exista força humana alguma  
que esta paixão embriagadora dome.  
E que eu por ti, se torturado for,  
possa feliz, indiferente à dor,  
morrer sorrindo a murmurar teu nome

## **Rondó da liberdade**

*Carlos Marighella*

É preciso não ter medo,  
é preciso ter a coragem de dizer.

Há os que têm vocação para escravo,  
mas há os escravos que se revoltam  
contra a escravidão.

Não ficar de joelhos,  
Que não é racional renunciar a ser  
livre.  
Mesmo os escravos por vocação  
Devem ser obrigados a ser livres,  
Quando as algemas forem quebradas.

É preciso não ter medo,  
É preciso ter a coragem de dizer.

O homem deve ser livre...  
O amor é que não se detém ante  
nenhum obstáculo,  
e pode mesmo existir quando não  
se é livre.  
E no entanto ele é em si mesmo  
A expressão mais elevada do que  
houver de mais livre  
Em todas as gamas do humano  
sentimento.

É preciso não ter medo,  
É preciso ter a coragem de dizer

# Ana Claudia Pessoa

Educar e promover a formação dos trabalhadores rurais que é a grande missão assumida por esta pernambucana, nascida em Macaparana, em dezembro de 1971.

Formada em Pedagogia, Ana Claudia Pessoa desde cedo se sensibilizou com a luta pela justiça da terra. Através de seu trabalho, proporciona o melhor entendimento das questões que perseguem homens e mulheres.

Diante de tanta responsabilidade, Ana Claudia Pessoa ainda encontra tempo e disposição para transcrever, na linguagem literária, sua vivência e suas angústias com as injustiças sociais.

## **Mandacaru**

*Ana Claudia Pessoa*

Onde não havia nada  
Onde a flor era capim  
E o fruto era a fome  
Comendo a raiz do homem  
Fez-se aviso e presságio  
Que se aproximava o fim  
Onde a cegueira imperava  
E a letra era um sinal  
Que o dominador usava  
Para aumentar seu sinal.  
Nesse mesmo horizonte  
O mandacaru Florim  
Cheio de mãos, de enxadas  
De espinhos superados  
Botando cercas no chão  
Pelas estradas do Brasil,  
E também passando as mãos  
De quem constrói a riqueza  
E produz o que comer  
Os instrumentos da liberdade  
Onde a vida faz-se ler.

## Olavo Bilac



Por pouco um dos mais exímios poetas brasileiros não foi médico. Nascido em 1865, no Rio de Janeiro, Olavo Bilac estudou até o quinto ano de Medicina. Desistiu da carreira antes de se formar e tentou o Direito, em São Paulo, também sem concluir o curso.

Ao regressar ao Rio, mergulhou no universo literário. Foi um dos mais ardorosos propagandistas da abolição, ao lado de José do Patrocínio. Assumiu diversos cargos públicos, como inspetor escolar, secretário do Congresso Panamericano e fundador da Agência Americana.

Bilac foi um dos principais expoentes do movimento parnasiano no Brasil, com forte influência dos poetas franceses. Ao rigor da forma, característica das poesias parnasianas, Bilac acrescentou emoção e até um certo erotismo, como influências da poesia portuguesa dos séculos XVI e XVII.

Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e é autor do Hino à Bandeira Nacional. Morreu no Rio de Janeiro, em dezembro de 1918, seguindo ainda hoje como um dos grandes nomes da literatura brasileira.

### Velhas Árvores

*Olavo Bilac*

Olha estas velhas árvores, mais belas  
Do que as árvores novas, mais amigas:  
Tanto mais belas quanto mais antigas,  
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera, e o inseto, à sombra delas  
Vivem, livres de fomes e fadigas;  
E em seus galhos abrigam-se as cantigas  
E os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade!  
Envelheçamos rindo! Envelheçamos  
Como as árvores fortes envelhecem:

Na glória da alegria e da bondade  
Agasalhando os pássaros nos ramos  
Dando sombra e consolo aos que padecem!



## Bertold Brecht

Possivelmente, nenhum outro autor literário teve trechos de sua obra tão citados, quando o assunto são questões sociais, quanto o alemão Bertold Brecht.

Com seu estilo ácido e direto, Brecht é um marco do teatro contemporâneo, especialmente do pós-guerra. Mais do que uma crítica às injustiças sociais, o que chama a atenção em sua obra é uma contestação à realidade embrutecedora e sem opções que foi imposta ao homem pelo próprio homem.

“O Analfabeto Político”, um de seus textos mais conhecidos, é uma mostra do cuidado do autor com a situação de ignorância e falta de formação. Brecht é, sem dúvida, uma das grandes referências de teatrólogos, literários e militantes do mundo todo.

### Aos que vão nascer

*Bertold Brecht*

É verdade, eu que vivo em tempos negros.

Palavra inocente é tolice. Uma testa sem rugas

Indica insensibilidade. Aquele que ri

Apenas não recebeu ainda

A terrível notícia.

Que tempos são esses, em que

Falar de árvores é quase um crime

Pois indica silenciar sobre tantas barbaridades?

Aquele que atravessa a rua tranqüilo

Não está mais ao alcance de seus amigos

Necessitados?

Sim, ainda ganho meu sustento

Mas acreditem: é puro acaso. Nada do que faço

Me dá direito a comer a fartar.

Por acaso fui poupado.

(Se minha sorte acaba, estou perdido.)

As pessoas dizem: Coma e beba!

Alegre-se porque tem!

Mas como posso comer e beber, se

Tiro o que como ao que tem fome

E meu copo d'água falta a quem tem sede?

E no entanto eu como e bebo.

Eu bem gostaria de ser sábio.

Nos velhos livros se encontra o que é sabedoria:

Manter-se afastado da luta do mundo e a vida breve

Levar sem medo

E passar sem violência

Pagar o mal com o bem

Não satisfazer os desejos, mas esquecê-los

Isto é sábio.

Nada disso sei fazer:

É verdade, eu vivo em tempos negros.

À cidade cheguei em tempo de  
desordem  
Quando reinava a fome.  
Entre os homens cheguei em tempo  
de tumulto  
E me revoltei junto com eles.  
Assim passou o tempo  
Que sobre a terra me foi dado.

A comida comi entre as batalhas  
Deitei-me para dormir entre  
assassinos  
Do amor cuidei displicente  
E impaciente contemplei a natureza.  
Assim passou o tempo  
Que sobre a terra me foi dado.

As ruas do meu tempo conduziam ao  
pântano.  
A linguagem denunciou-me ao  
carrasco.  
Eu pouco podia fazer. Mas os que  
estavam por cima  
Estariam melhor sem mim, disso tive  
esperança.  
Assim passou o tempo  
Que sobre a terra me foi dado.

As forças eram mínimas. A meta  
Estava bem distante.  
Era bem visível, embora para mim  
Quase inatingível.  
Assim passou o tempo  
Que nesta terra me foi dado.

Vocês, que emergirão do dilúvio  
Em que afundamos  
Pensem  
Quando falarem de nossas fraquezas  
Também nos tempos negros  
De que escaparam.  
Andávamos então, trocando de países  
como de  
sandálias  
Através das lutas de classes,  
desesperados  
Quando havia só injustiça e nenhuma  
revolta.

Entretanto sabemos:  
Também o ódio à baixaza  
Deforma as feições.  
Também a ira pela injustiça  
Torna a voz rouca. Ah, e nós  
Que queríamos preparar o chão para o  
amor  
Não pudemos nós mesmos ser  
amigos.

Mas vocês, quando chegar o momento  
Do homem ser parceiro do homem  
Pensem em nós  
Com simpatia.

**Nossos Inimigos dizem***Bertold Brecht*

Nossos inimigos dizem: A luta terminou.  
Mas nós dizemos: Ela começou.

Nossos inimigos dizem: A verdade está liquidada.  
Mas nós dizemos: Nós a sabemos ainda.

Nossos inimigos dizem: Mesmo que ainda se  
conheça a verdade  
Ela não pode mais ser divulgada.  
Mas nós a divulgamos.

É véspera da batalha  
É a preparação de nossos quadros.  
É o estudo do plano de luta.  
É o dia antes da queda  
De nossos inimigos.

**O Analfabeto Político***Bertold Brecht*

O pior analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas.

O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política. Não sabe o imbecil que, da sua ignorância política, nasce a prostituta, o menor abandonado, e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, corrupto e laçao das empresas nacionais e multinacionais.

## Perguntas de um trabalhador que lê

Bertold Brecht

Quem construiu a Tebas de sete portas?  
Nos livros estão nomes de reis.  
Arrastaram eles os blocos de pedra?  
E a Babilônia várias vezes destruída –  
Quem a reconstruiu tantas vezes? Em que casas  
Da Lima dourada moravam os construtores?  
Para onde foram os pedreiros, na noite em que a  
muralha da China ficou pronta?  
A grande Roma está cheia de arcos do triunfo  
Quem os ergueu? Sobre quem  
Triunfaram os Césares? A decantada Bizâncio  
Tinha somente palácios para seus habitantes?  
Mesmo na lendária  
Atlântida  
Os que se afogavam gritaram por seus escravos  
Na noite em que o mar a tragou

O jovem conquistou a Índia.  
Sozinho?  
César bateu os gauleses.  
Não levava sequer um cozinheiro?  
Felipe da Espanha chorou, quando sua Amada  
Naufragou. Ninguém mais chorou?  
Frederico II venceu a guerra dos sete anos.  
Quem venceu além dele?

Cada página uma vitória  
Quem cozinhou o banquete?  
A cada dez anos um grande homem  
Quem pagava a conta?

Tantas histórias.  
Tantas questões.

## Denise Marques



Encantada pelos poetas, Denise , desde muito cedo, sensibilizou-se pela Literatura.

Nascida em Santo André, em Junho de 1961, formou-se em Letras e Pedagogia, atuando como professora desde 1985, tendo lecionado na Rede Estadual, e em escolas privadas da região do ABC.

Diretora do Sinpro ABC, aliou ao sabor de ensinar a necessidade de lutar pela melhoria das condições de trabalho da Categoria. Militante da Educação, sempre imprimiu ao seu trabalho um tom social, dando voz às minorias e denunciando os desmandos da política Neo-liberal.

### Há mar...

*Denise Marques*

Em distâncias longínquas...  
Em eras remotas  
Quando não existia mar  
Amar...

Em galáxias distantes  
Em dimensões muito ao longe...  
Quando a essência era mais  
Não mas...

Em suaves e inimagináveis amanhã  
O sol transbordava  
Alerta da vida  
Embalando o Amor...

Em míseras partículas de luz  
O sol seduz  
Sedução audaz  
Audaciosamente brincando de  
Longe e perto.

Longinquamente perturbado  
Um coração amante  
Experimenta apaixonadamente o  
Outro.

Tenta explicar o indizível  
E dizer o infinitamente  
Inexplicável...

Em espaços distantes  
Há homens distantes  
Distanciados, iludidos,  
Desabusadamente embutidos em si!

Em um mundo  
De dia  
e  
Noite  
De tudo e nada

Um caminho distancia-se do rumor feroz  
Ao sabor da brisa, essencialmente,  
suave...  
Ao sabor do vento, maliciosamente,  
refrescante...

Delira o pensamento  
No exato momento  
Em que ele se faz.

Se faz estrela... É dia!  
Mentira e verdade refaz  
Erra quem não erra nunca  
Num tempo de sonho que  
A efemeridade da vida  
desfaz...

## DEUS

**Denise Marques**

Meu Deus  
é o seu também.  
É a luz do meu caminho.  
É ternura e carinho.  
Aconchego e aceitação.  
Meu Deus trouxe o próprio filho  
pra nossa expiação.  
Dando-lhe como mãe Maria  
terra-maria, maria-mãe,  
que aconchegou em seu ventre,  
a própria luz da criação.  
Meu Deus é o seu também.  
Embora já existisse antes  
dos livros que nos embasam,  
que nos mostram o caminho.  
Com outros nomes  
para outros povos.  
Diverso em cada cultura.  
Presente em todos os lugares.  
Ciente de todos os pensares.  
O meu Deus é criador  
do Universo e da Vida.  
É magia e encantamento,  
é perfume e calor.  
É brilho quando o sol nasce.  
É brilho ao sol se pôr.  
É o luzeiro das estrelas.  
E Galileu a estudar,  
a maneira de explicar  
que redonda, ou quadrada  
não é a forma que importa,  
mas o ato de criar.  
Sidarta, Zumbi, Mandela,  
Gandhi, Olga, Guevara, Pessoa,  
destinos a esperar pelo Fado que é  
divino.  
Os homens a embalar  
sonhos, sonhos humanos,  
ideais a edificar.  
Meu Deus é o seu também.

Embora eu o veja no mar,  
no céu, nas estrelas,  
na criança a se formar,  
no sofrimento que é vida,  
no orvalho que a flor faz cintilar.  
No mel e na abelhinha,  
no filho a nos questionar.  
Meu Deus está tão presente  
que toco em sua mão.  
Sinto-o a todo momento, gosto  
dessa união.  
Meu Deus é um caminho concreto,  
embora o veja no oculto, no mágico,  
no irreal.  
Os nomes pouco importam.  
Suas formas também não!  
Suas moradas são muitas,  
sua meta a salvação.  
Pra mim o espírito existe,  
em constante evolução.  
O que não contradiz a verdade,  
que traz em teu coração.  
E meu Deus é o seu também,  
com outra escrituração.  
Mas é o Deus da essência, da  
beleza e perfeição.  
É o Deus da bondade, do amor, da  
compreensão.  
Ele inspira os poetas, pintores, e  
artesãos.  
É ele quem lavra a terra.  
É ele quem faz o pão.  
Erigiu nossas pirâmides,  
pisou conosco na Lua,  
e conviveu com o Nazismo,  
nos campos de concentração.  
É o Deus dos ascencionados,  
também dos anjos caídos,  
o mesmo Deus de Adão!  
O meu Deus é o seu também!  
O Deus de toda a História,  
não de uma religião!

## Eduardo Galeano

Este escritor uruguaio, nascido em Montevidéu, em 1940, começou cedo sua carreira literária: aos 14 anos já publicava desenhos e, pouco tempo depois, passou a escrever artigos.

Mas sua atuação foi marcante mesmo durante o período ditatorial uruguaio. Em 1975, teve de deixar o país. Passou 12 anos exilado na Argentina e na Espanha. Neste período, criou e editou a revista *Crisis*.

Em 1999, foi reconhecido por seu trabalho de contestação e resistência, com o Prêmio à Liberdade da Cultura, outorgado pela fundação Lannan, dos Estados Unidos. Seus livros já foram traduzidos em mais de 20 línguas.

Autor de *As veias abertas da América Latina*.



### O nascedor

*Eduardo Galeano*

Por que será que o Chê  
Tem este perigoso costume  
de seguir sempre renascendo?  
Quanto mais o insultam,  
o manipulam  
o atraíçoam  
mais ele renasce.  
Ele é o mais renascedor de todos!  
Não será porque o Chê  
dizia o que pensava e fazia o que dizia?  
Não será por isso que segue sendo  
tão extraordinário,  
num mundo onde as palavras  
e os atos tão raramente se encontram?  
E quando se encontram  
raramente se saúdam  
Porque não se reconhecem?

## Pablo Milanês

Foi o movimento da Tropicália, dos anos 60, que aproximou este músico cubano do Brasil. Pablo Milanês conheceu as composições tropicalistas através de Alfredo Guevara, diretor do lendário Instituto de Cinema Cubano (Icaic).



Inspirado no trabalho de vanguarda dos brasileiros, Milanês criou o Grupo de Experimentação Sonora de Havana, que foi base para o desenvolvimento de um dos mais produtivos movimentos musicais da América Latina, o nueva trova.

Pablo Milanês, que nasceu em Bayamo, em fevereiro de 1943, também utilizou experiências antropofágicas para mexer com o conservadorismo e a estagnação presentes na música cubana daquele período.

Mas, ao contrário do que aconteceu no Brasil, lá o movimento caiu no gosto popular e conquistou a adesão dos líderes socialistas. Uma de suas mais marcantes músicas, “Canción por la Unidad Latinoamericana”, foi gravada por Milton Nascimento em 1978, reforçando a ligação entre este compositor cubano e o Brasil.

### Se o poeta é você

*Pablo Milanês*

Se o poeta é você,  
Como disse o poeta,  
Se quem tombou estrelas em mil noites  
De chuvas coloridas  
É você  
Que poderia eu falar  
Meu comandante.

Se quem assomou ao futuro seu perfil  
E o estreou com gozos de fuzil  
Foi você  
Guerreiro para sempre  
Tempo eterno  
Que poderia eu cantar  
Meu comandante.

Em vão procura meu violão a tua dor  
Todo o jardim já é belo,  
Não há temor  
Que poderia eu deixar  
Meu comandante  
A não ser trocar o meu violão pela tua  
morte  
Ou legar uma canção ao sol  
Ou morrer sem amor.

Que poderia eu falar  
Meu comandante  
Se o poeta é você

Como disse o poeta  
Se quem tombou estrelas e mil noites  
De chuvas coloridas é você  
Que tenho eu a falar  
Meu comandante.

## Dom Pedro Casaldáliga



Em 1971, quando foi nomeado bispo na primazia de São Félix, na região do Araguaia, Pedro Casaldáliga abdicou do uso do tradicional anel de ouro que é dado a quem conquista tal posição na hierarquia da Igreja Católica. Em seu lugar, mandou confeccionar um anel de tucum, uma madeira escura, comum e abundante na Amazônia.

O gesto, aparentemente simples, descreve a personalidade deste espanhol que chegou ao Brasil em 1970 e desde então tem tido uma atuação integral junto às minorias que vivem no interior do Mato Grosso. Homem corajoso, logo se tornou defensor de índios, posseiros e peões, contra as injustiças cometidas por latifundiários que, naquela época, eram patrocinados pela ditadura militar.

Graças a sua resistência e ao seu trabalho de conscientização social, inspirou a realização de muitos outros projetos, como a própria criação da Comissão Pastoral da Terra (CPT).

Seus escritos, assim como sua vida, são engajados e emocionantes. Pedro Casaldáliga, que se aposentou recentemente, ao completar 75 anos, tem uma assumida paixão pela América Latina e pela África, onde, segundo ele mesmo, gostaria de trabalhar até os últimos dias de vida.

### **Caminho que a gente é**

*D. Pedro Casaldáliga*

Retirante  
só caminho  
É que há.

Terra de roça e morada  
não tem mais.  
Os sete palmos de outrora  
nem todos vão encontrar!

Retirante,  
caminheiro,  
só caminho  
é que há.

Caminho que a gente é,  
caminho que a gente faz:  
Para viver,  
Para andar;  
para outros caminheiros se ajuntar.  
Caminho para os parados se animar.  
Para os perdidos, de novo achar.  
Para os mortos não faltar!

Caminho que a gente é,  
caminho que a gente faz.

Se tem cerca,  
não tens braços  
e facão para cortar?  
Se a noite fechou-te o rumo,  
procura junto aos irmãos:  
coração em companhia,  
sempre encontra seu luar.

Deus é Deus  
em tudo e sempre.  
A história, a gente faz,  
lavrando no dia-a-dia  
nossa hora e seu lugar.

Recolhe o sangue dos mortos  
no sol de cada manhã.  
Colhe dos ventos o alerta.  
Dos moços colhe o afã  
Dos índios a liberdade.  
E das crianças a paz.

Faz do canto do teu povo  
o ritmo do teu andar.  
Sacode o largo letargo  
deixa a saudade pra trás:  
Quem caminha na Esperança  
faz no hoje o amanhã!

Deixa os garimpos de lado,  
se te queres bamburrar.  
A terra, que é mãe de todos,  
amor de todos será!

Caminheiro,  
companheiro,  
só caminho  
é o que há:  
caminho que a gente é,  
caminho que a gente faz!

Por ora  
isso é o que há...  
mas, um dia o mundo vira  
E tem o que haverá!

## Pedro Tierra

Uma pessoa de atuação extremamente dinâmica, com aguçada consciência crítica e uma impressionante capacidade de compaixão com o próximo. Assim pode ser definido Pedro Tierra, batizado Hamilton Pereira, que nasceu em julho de 1948, na cidade de Porto Nacional.

Pedro Tierra teve desde cedo seu trabalho ligado às causas sociais. Chegou a frequentar o seminário, mas percebeu que sua verdadeira vocação era outra: trabalhar junto às classes populares. Dedicou-se também à causa dos povos indígenas e, vítima heróica da chamada repressão neo-colonizadora, chegou a ser preso.

Poeta, escritor, diretor da Fundação Perseu Abramo, ex-secretário da Cultura do Distrito Federal, por onde passa, Pedro Tierra deixa sua marca.

### **A pedagogia dos aços**

*Pedro Tierra*

Candelária  
Carandiru  
Corumbiara  
Eldorado dos Carajás...

A pedagogia dos aços  
Golpeia nosso corpo  
Essa atroz geografia.

Há cem anos,  
Canudos  
Contestado  
Caldeirão...

A pedagogia dos aços  
Golpeia no corpo  
Essa atroz geografia...

Há uma nação de homens  
Excluídos da nação  
Há uma nação de homens  
Excluídos da vida  
Há uma nação de homens calados,  
Excluídos de toda a palavra.

Há uma nação de homens  
Combatendo depois das cercas  
Há uma nação de homens sem rosto  
Soterrados na lama  
Sem nome  
Soterrados no silêncio.

Eles rondam o arame das cercas  
Alumiados pelas fogueiras  
Dos acampamentos.

Eles rondam o muro das leis  
E ataram no peito uma bomba que pulsa:  
O sonho da terra livre.

O sonho vale uma vida?  
Não sei. Mas aprendi  
Da pouca vida que gastei  
A morte não sonha.

A vida vale um sonho?  
A terra vale infinitas  
Reservas de crueldade  
Do lado de dentro da cerca.

Hoje, o silêncio pesa  
Como os olhos de uma criança  
Depois da fuzilaria.

Candelária  
Carandirú  
Corumbiara,  
Eldorado dos Carajás  
Não cabem na frágil vasilha das palavras  
Se calarmos  
As pedras gritarão...

## Vinícius de Moraes



O poeta que ousou, mais do que nenhum outro, a viver intensamente pela paixão. Vinícius de Moraes deixou seu registro não apenas pelo seu incontestável talento, mas por ter tido a coragem de passar pela vida apaixonado.

Isso pode ser conferido em suas belíssimas e imortais poesias, em sua marcante e fundamental atuação na Música Popular Brasileira, e na vida pessoal, com seus nove casamentos.

Nascido em outubro de 1913, na cidade do Rio de Janeiro, ainda criança participou de um grupo de coral. A influência da música vinha de sua mãe, exímia pianista. Vinícius de Moraes já nasceu poeta. Inicia cedo sua produção literária. Estuda Letras e Direito e, ainda na juventude, torna-se amigo de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

Foi um dos responsáveis pelo início das famosas rodas literárias do Café Vermelinho, no Rio, que reunia a maioria dos jovens arquitetos e artistas plásticos da época, entre eles Oscar Niemeyer, Carlos Leão, Afonso Reidy, Jorge Moreira, José Reis, Alfredo Ceschiatti, Santa Rosa, Pancetti, Djanira e Bruno Giorgi.

Foi durante uma viagem ao nordeste brasileiro, em 1942, que Vinícius de Moraes adquiriu uma visão política radicalmente antifascista.

Ingressa na carreira diplomática e, em 1946, torna-se vice-cônsul do Brasil em Los Angeles.

A parceria com Antônio Carlos (Tom) Jobim aconteceu, pela primeira vez, em 1956, no filme Orfeu Negro, produzido através de texto escrito por Vinícius de Moraes. Com o reforço de João Gilberto, o trio daria início à Bossa Nova, movimento que renovou a música brasileira. Vinícius de Moraes morreu em julho de 1980, de edema pulmonar. Depois dele, a literatura e a música brasileiras nunca mais seriam as mesmas.

## Operário em construção

Vinicius de Moraes

Era ele que erguia casas  
Onde antes só havia chão  
Como um pássaro sem asas  
Ele subia com as casas  
Que lhe brotavam da mão.  
Mas tudo desconhecia  
De sua grande missão:  
Não sabia, por exemplo  
Que a casa do homem é um templo  
Um templo sem religião  
Como tampouco sabia  
Que a casa que ele fazia  
Sendo sua liberdade  
Era sua escravidão.

De fato, como podia  
Um operário em construção  
Compreender por que um tijolo  
Valia mais que um pão?  
Tijolos ele empilhava  
Com pá, cimento e esquadria.  
Quanto ao pão ele o comia...  
Mas fosse comer tijolo!  
E assim o operário ia  
Com suor e com cimento  
Erguendo uma casa aqui  
Adiante um apartamento  
Além uma igreja, à frente  
Um quartel e uma prisão:  
Prisão de que sofreria  
Não fosse, eventualmente  
Um operário em construção.

Mas ele desconhecia  
Esse fato extraordinário:  
Que o operário faz a coisa  
E a coisa faz o operário.  
De forma que, certo dia

À mesa, ao cortar o pão  
O operário foi tomado  
De uma súbita emoção  
Ao constatar assombrado  
Que tudo naquela mesa  
- Garrafa, prato, facão  
Era ele quem os fazia  
Ele, um humilde operário,  
Um operário em construção.

Olhou em torno, gamela,  
Banco, enxerga, caldeirão  
Vidro, parede, janela,  
Casa, cidade, nação!  
Tudo, tudo o que existia  
Era ele quem o fazia  
Ele, humilde operário  
Um operário que sabia  
Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento  
Não sabereis nunca o quanto  
Aquele humilde operário  
Soube naquele momento!  
Naquela casa vazia  
Que ele mesmo levantara  
Um mundo novo nascia  
De que sequer suspeitava.  
O operário emocionado  
Olhou sua própria mão  
Sua rude mão de operário  
De operário em construção  
E olhando bem para ela  
Teve um segundo a impressão  
De que não havia no mundo  
Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão  
Deste instante solitário  
Que, tal sua construção  
Cresceu também o operário.  
Cresceu em alto e profundo  
Em largo e no coração  
E como tudo o que cresce  
Ele não cresceu em vão  
Pois, além do que sabia  
- Exercer a profissão -  
O operário adquiriu  
Uma nova dimensão:  
A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu  
Que a todos admirava:  
O que o operário dizia  
Outro operário escutava.

E foi assim que o operário  
Do edifício em construção  
Que dizia sempre sim  
Começou a dizer não  
E aprendeu a notar coisas  
A que não dava atenção:

Notou que sua marmita  
Era o prato do patrão  
Que sua cerveja preta  
Era o uísque do patrão  
Que seu macacão de zuarte  
Era o terno do patrão  
Que o casebre onde morava  
Era a mansão do patrão  
Que seus dois pés andarilhos  
Eram as rodas do patrão  
Que a dureza do seu dia  
Era a noite do patrão

Que sua imensa fadiga  
Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!  
E o operário fez-se forte  
Na sua resolução.

Como era de se esperar  
As bocas da delação  
Começaram a dizer coisas  
Aos ouvidos do patrão.  
Mas o patrão não queria  
Nenhuma preocupação  
- "Convençam-no" do contrário  
Disse ele sobre o operário  
E ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário  
Ao sair da construção  
Viu-se de súbito cercado  
Dos homens da delação  
E sofreu, por destinado  
Sua primeira agressão.  
Teve seu rosto cuspidado  
Teve seu braço quebrado  
Mas quando foi perguntado  
O operário disse: Não!

Em vão sofrera o operário  
Sua primeira agressão  
Muitas outras se seguiram  
Muitas outras seguirão.  
Porém por imprescindível  
Ao edifício em construção  
Seu trabalho prosseguia  
E todo o seu sofrimento  
Misturava-se ao cimento  
Da construção que crescia.

Sentindo que a violência  
Não dobraria o operário

Um dia tentou o patrão  
Dobrá-lo de modo vário.  
De sorte que o foi levando  
Ao alto da construção  
E num momento de tempo  
Mostrou-lhe toda a região  
E apontando-a ao operário  
Fez-lhe esta declaração:  
- Dar-te-ei todo esse poder  
E a sua satisfação  
Porque a mim me foi entregue  
E dou-o a quem bem quiser  
Dou-te tempo de lazer  
Dou-te tempo de mulher.  
Portanto, tudo o que vês  
Será teu se me adorares  
E, ainda mais se abandonares  
O que te faz dizer não.

Disse , e fitou o operário  
Que olhava e que refletia  
Mas o que via o operário  
O patrão nunca veria.  
O operário via as casas  
E dentro das estruturas  
Via coisas, objetos  
Produtos, manufaturas.  
Via tudo o que fazia  
E em cada coisa que via  
Misteriosamente havia  
A marca da sua mão.  
E o operário disse: não!  
- Loucura! - gritou o patrão  
Não vês o que te dou eu?  
- Mentira! - disse o operário  
Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fez-se  
Dentro do seu coração

Um silêncio de martírios  
Um silêncio de prisão.  
Um silêncio povoado  
De pedidos de perdão  
Um silêncio apavorado  
Com o medo em solidão.

Um silêncio de torturas  
E gritos de maldição  
Um silêncio de fraturas  
A se arrastarem no chão.  
E o operário ouviu a voz  
De todos os seus irmãos  
Os seus irmãos que morreram  
Por outros que viverão.  
Uma esperança sincera  
Cresceu no seu coração  
E dentro da tarde mansa  
Agigantou-se a razão  
De um homem pobre e esquecido  
Razão porém que fizera  
Em operário construído  
O operário em construção.

## Maurício Francisco Ceolin

Chico Ceola é parte de Maurício Francisco Ceolin, Professor da PUC (Campinas), Diretor do Sinpro Campinas, Presidente da APROPUC, e autor do livro “Saudade da Tribo”. A dualidade entre o profissional competente, e a sensibilidade marcante de sua atuação social, faz com que nele coabitem o professor de Física, o militante sindical, o poeta, dentre outros personagens. Sua poesia reflete as inquietações, as angústias e, por vezes, o senso de humor de outras identidades que constituem seu universo criador.

### **Pluralidade** **Chico Ceola**

Múltiplos seres habitam o apertado  
espaço de meu peito.  
Cada qual com sua razão.  
Cada qual com sua paixão.  
Desvendando a vida a seu próprio jeito.

São múltiplos não infinitos.  
São rivais não inimigos.  
Raro lutam, pouco disputam.  
A me dirigir revezam-se em caótico ciclo.

E por isso renego hoje o que ontem  
amei.  
E por isso lamento hoje o que ontem  
festejei.  
E por isso amanhã é outro dia.

Eu sou aquele que os representa.  
Aquele que apanha e não sofre.  
Aquele que ganha e não goza.

E quando todos dormem cuido de reparar  
os estragos.

### **A paz de Drummond** **Chico Ceola**

Meu pai tomava o boné e se ia.  
Minha mãe deitava os pequenos  
e dormia.  
E eu só, na tarde morna,  
projetava mundos.  
Mais tarde, muito mais tarde,  
a velha minha avó trazia doces.  
Em silêncio.  
Dez, quinze minutos.  
Vinte, trinta mundos.  
O céu, o pomar, minha avó.  
A paz sem testemunhas.

**Esperança**  
**Chico Ceola**

Descansa o guerreiro,  
enrola-se o covarde,  
lamenta-se o tímido.  
Na cama a humanidade em suspenso.

Ao fundo,  
sem gemidos,  
a esperança dobra a esquina.  
É noite.

**Oração**  
**Chico Ceola**

Possam eles compreender o que passa.  
Os ventos que atravessam os tempos.  
A mulher que atravessa a rua.  
O espaço que comprime os momentos.  
Os raios que nos tocam desde a Lua.

Possam eles compreender o que passa.  
As palavras que perturbam os ares.  
As cores que disfarçam os males.  
As brisas que distorcem os mares.

Possam eles compreender o que passa.  
Possam eles compreender também o que não passa.  
O que se resume em emoção,  
e por falta de compreensão,  
para sempre se aprisiona no coração do homem.

**Cansaço**  
**Chico Ceola**

Estou cansado  
De nada ter feito embora tudo ter tentado.  
De sofrer sem motivo por não ter de que sofrer.

Estou cansado  
De ter vivido mentiras de que ninguém duvidou.  
De querer verdades que não me permito buscar.

Estou cansado  
De não ter sido decisivo, violento, agressor.  
De não ter encontrado a hora de falar de ódio e de amor

Estou cansado  
De ter podido e não querido,  
De ter querido e não podido,  
De ter lutado com armas erradas.

Estou cansado  
Do amor sem paixão  
Da paixão sem amor.

Estou cansado de querer,  
mas ainda quero.  
Estou cansado de sentir,  
mais ainda sinto.



## João Cabral de Melo Neto

“É a parte que te cabe neste latifúndio / É a terra que querias ver dividida.” Os versos, extraídos de *Morte e vida severina*, mostram a brasilidade e a consciência crítica que são marca de João Cabral de Melo Neto.

A intensa expressividade brasileira contida em sua obra soa quase como contraditória a um escritor que passou a maior parte de sua vida fora do Brasil. Nascido em Recife (PE), em janeiro de 1920, João Cabral teve uma imponente carreira diplomática.

Em 1946, ingressa no Departamento Cultural do Itamaraty, depois no Departamento Político e, por fim, na comissão de Organismos Internacionais. Trabalhou como cônsul em inúmeros países, como Espanha (Sevilha, Marselha, Madri, Barcelona) e Inglaterra (Londres) e, posteriormente, como embaixador, em Dacar (Senegal) e Maurîtânia (no Mali e na Giné-Conakry).

Sua andança pelo mundo, porém, só reforçou seu olhar crítico e cuidadoso sobre seu país. Em 1956, publica *Morte e vida severina*, sua obra mais citada, que ganharia força mesmo em 1966, quando é encenada no teatro da Universidade Católica de São Paulo, com música de Chico Buarque. João Cabral morreu em outubro de 1999. Mas os versos de *Morte e vida severina* ainda hoje chocam e emocionam, por seu duro realismo emoldurado na linguagem poética.

**Morte e vida severina**

*João Cabral de Melo Neto*

O meu nome é Severino,  
 Não tenho outro de pia.  
 Como há muitos Severinos,  
 Que é santo de romaria,  
 Deram então de me chamar  
 Severino de Maria;  
 Como há muitos Severinos  
 Com mães chamadas Maria,  
 Fiquei sendo o da Maria  
 Do finado Zacarias.  
 Mas isso ainda diz pouco:  
 Há muitos na freguesia,  
 Por causa de um coronel  
 Que se chamou Zacarias  
 E que foi o mais amigo  
 Senhor desta sesmaria.  
 Como então dizer quem fala  
 Ora a Vossas Senhorias?  
 Vejamos: é o Severino  
 Da Maria do Zacarias,  
 Lá da serra da costela,  
 Limites da Paraíba.  
 Mas isso ainda diz pouco:  
 Se ao menos mais cinco havia  
 Com nome de Severino  
 Filhos de tantas marias  
 Mulheres de outros tantos,  
 Já finados, Zacarias,  
 Vivendo na mesma serra  
 Magra e ossuda em que eu vivia.  
 Somos muitos Severinos  
 Iguais em tudo na vida  
 Na mesma cabeça grande  
 Que a custo é que se equilibra,  
 No mesmo ventre crescido  
 Sobre as mesmas pernas finas,  
 E iguais também porque o sangue

Que usamos tem pouca tinta.  
 E se somos Severinos  
 Iguais em tudo na vida,  
 Morremos de morte igual,  
 Mesma morte severina:  
 Que é morte de que se morre  
 De velhice antes dos trinta,  
 De emboscada antes dos vinte,  
 De fome um pouco por dia  
 (de fraqueza e de doença  
 é que a morte Severina  
 ataca em qualquer idade,  
 e até gente não nascida).  
 Somos muitos Severinos  
 Iguais em tudo e na sina:  
 A de abrandar estas pedras  
 Suando-se muito em cima,  
 A de tentar despertar  
 Terra sempre mais extinta,  
 A de querer arrancar  
 Algum roçado da cinza.  
 Mas, para que me conheçam  
 Melhor Vossas Senhorias  
 E melhor possam seguir  
 A história da minha vida,  
 passo a ser o Severino  
 que em vossa presença emigra...

## Pablo Neruda



Neftalí Ricardo Reyes Basoalto é o nome de batismo de Pablo Neruda, poeta chileno que nasceu em julho de 1904, na cidade de Parral. Sua história literária passa por diversas escolas: do romantismo extremo, teve também uma fase surrealista e outra, curta, hermética.

De personalidade aguçada e crítica e espírito revolucionário, Pablo Neruda logo se identificou com a ideologia marxista.

Transcreveu em linguagem literária os horrores da Guerra Civil Espanhola, nos anos 30, e mais tarde também voltou seu olhar para as minorias latino-americanas.

Entre suas principais publicações estão *A canção da festa* (1921), *Crepusculario* (1923), *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada* (1924), *Tentativa do homem infinito* (1925), *Ode a Stalingrado* (1942), *Terceira residência* (1947), *Canto geral* (1950), *Odes elementares* (1954), *Navegações e retornos* (1959), *Canção de gesta* (1960) e a peça teatral *Esplendor e morte de Joaquín Murieta* (1967).

Mas foi em 1971 que conquistou o Prêmio Nobel de Literatura, com o volume autobiográfico *Confesso que vivi.*, conquistando, finalmente, o reconhecimento por seu talento.

### As terras e os homens

Pablo Neruda

Velhos latifundiários incrustados  
na terra como ossos  
de pavorosos animais,  
supersticiosos herdeiros  
da encomenda, imperadores  
duma terra escura, fechada  
com ódio e arame farpado.  
Entre as cercas o estame  
do ser humano foi afogado,  
o menino foi enterrado vivo,  
negou-se-lhe o pão e a letra,  
foi marcado como inquilino  
e condenado aos currais.  
Pobre peão infortunado

entre as sarças, amarrado  
à não-existência, à sombra  
das pradarias selvagens.

Sem livro foste carne inermes,  
e em seguida insensato esqueleto,  
comprado de uma vida a outra,  
rechaçado na porta branca  
sem outro amor que uma guitarra  
despedaçadora em sua tristeza  
e o baile apenas aceso  
como rajada molhada.  
Não foi porém só nos campos  
a ferida do homem. Mais longe,

mais perto, mais fundo cravaram:  
na cidade, junto ao palácio,  
cresceu o cortiço leproso,  
pululante de porcaria,  
com a sua acusadora gangrena.

Eu vi nos agros recantos  
De Talcahuano, nas encharcadas  
Cinzas dos morros,  
ferver as pétalas imundas  
da pobreza, a maçaroca  
de corações degradados,  
a pústula aberta na sombra  
do entardecer submarino,  
a cicatriz dos farrapos,  
e a substância envelhecida  
do homem hirsuto e espancado.  
Eu entrei nas casas profundas,  
como covas de ratos, úmidas  
de salitre e sal apodrecido,  
vi seres famintos se arrastarem,  
obscuridades desdentadas,  
que procuravam me sorrir  
através do ar amaldiçoado.

Me atravessaram as dores  
de meu povo, se enredaram em mim  
como aramados em minh'alma:  
me crispavam o coração:  
saí a gritar pelos caminhos,  
saí a chorar envolto em fumo,  
toquei as portas e me feriram  
como facas espinhosas,  
chamei os rostos impassíveis  
que antes adorei como estrelas  
e me mostraram seu vazio.  
E então me fiz soldado:  
número obscuro, regimento,

ordem de punhos combatentes  
sistema da inteligência,  
fibra do tempo inumerável  
árvore armada, indestrutível  
caminho do homem na terra.

E vi quantos éramos, quantos  
estavam a meu lado, não eram  
ninguém, eram todos os homens,  
não tinham rosto, eram povo,  
eram metal, eram caminhos.  
E caminhei com os mesmos passos  
da primavera pelo mundo.



## Patativa do Assaré

Usar o dom e o talento na poesia para denunciar as injustiças sociais. Foi assim que Antônio Gonçalves da Silva emocionou, encantou e sensibilizou o país, mas usando outra assinatura: Patativa do Assaré. O apelido vem de uma ave da caatinga, a patativa, que tem cauda e asas pretas e canto enternecedor. Assaré é uma referência à cidade onde nasceu (no sul do Ceará), em março de 1909.

A riqueza da poesia de Patativa do Assaré está na simplicidade de seus versos, que mostram as mazelas do Nordeste brasileiro, destacando sempre a consciência e a perseverança de seu povo.

Ele próprio é um exemplo do resultado deste abismo social: estudou apenas seis meses em toda sua vida, o que não invalidou sua vocação pela poesia.

Patativa do Assaré despertou a atenção de artistas, entre eles o cantor Fagner, e chegou a fazer shows pelo Brasil, mas em nenhum momento deixou para trás suas raízes de menino crescido com enxada na mão, na difícil luta para superar os percalços da vida na terra. Morreu em julho de 2002, aos 93 anos.

### A festa da natureza

#### *Patativa do Assaré*

Chegando o tempo do inverno,  
Tudo é amoroso e terno,  
Sentindo do Pai Eterno  
Sua bondade sem fim.  
O nosso sertão amado,  
Esturricado e pelado,  
Fica logo transformado  
No mais bonito jardim.

Neste quadro de beleza  
A gente vê com certeza  
Que a musga da natureza  
Tem riqueza de incantá.  
Do campo até na floresta  
As ave se manifesta  
Compondo a sagrada orquestra  
Desta festa naturá.

Tudo é paz, tudo é carinho,  
Na construção de seus ninho,  
Canta alegre os passarinho  
As mais sonora canção.  
E o camponês prazentêro  
Vai prantá feção ligêro,  
Pois é o que vinga premêro  
Nas terra do meu sertão.

Depois que o podê celeste  
Manda chuva no Nordeste,  
De verde a terra se veste  
E com água em brobutão  
A mata com seu verdume  
E as fulô com o seu perfume,  
Se infeita de vagalume  
Nas noite de iscuridão.

Nesta festa alegre e boa  
Canta o sapo na lagoa,  
No espaço o truvão reboia  
Mostrando o seu rôco som.  
Vai tudo se convertendo,  
Constantemente chovendo  
E o povo alegre dizendo:  
Deus é poderoso e bom!

Com a força da água nova  
O peixe e o sapo desova,  
E o camaleão renova  
A verde e bonita cô;  
A grama no campo cresce,  
A pernuda aranha tece,  
Tudo com gosto obedece  
As orde do Criadô.

Os cordão de barbuleta  
Amarela, branca e preta  
Vão fazendo pirueta  
Com medo do bem-te-vi  
E entre a mata verdejante,  
Com o seu papé istravagante  
O gavião assartante  
Vai atrás da juriti.

Nesta harmonia comum,  
No mais alegre zumzum,  
As lição de cada um,  
Todos já sabe de có,  
Vai a lesma repelente  
Vagarosa, paciente  
Preguiçosa, lentamente  
Levando o seu caracó.

A famosa vaca muge  
Comendo a nova babuge  
Vale a pena o ruge-ruge  
Da sagrada criação.

Neste bonito triato  
Todo cheio de aparato,  
Cada bichinho do mato  
Faz a sua obrigação.

A Divina Majestade,  
Com sua realidade,  
Nos mostra a prova e a verdade  
Do soberano podê  
Nesta Bliba naturá  
Que faz tudo admirá,  
Quarquê um pode estudá  
Sem conhecê o ABC.

## Poeta da roça

Patativa do Assaré

Sou fio das mata, cantô da mão grossa,  
Trabáio na roça, de inverno e de estio.  
A minha chupana é tapada de barro,  
Só fumo cigarro de páia de mío.

Sou poeta das brenha, não faço o papé  
De algum menestré, ou errante cantô  
Que veve vagando, com sua viola,  
Cantando, pachola, à percura de amô.

Não tenho sabença, pois nunca estudei,  
Apenas eu sei o meu nome assiná.  
Meu pai, coitadinho! Vivía sem cobre  
E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rastêro, singelo e sem graça,  
Não entra na praça, no rico salão,  
Meu verso só entra no campo e na roça  
Nas pobre paioça, da serra ao sertão.

Só canto o buliço da vida apertada,  
Da lida pesada, das roça e dos eito.  
E às vez, recordando a feliz mocidade,  
Canto uma sodade que mora em meu peito.

Eu canto o cabôco com suas caçada,  
Nas noite assombrada que tudo apavora,  
Por dentro da mata, com tanta corage  
Topando as visage chamada caipora.

Eu canto o vaquêro vestido de côro,  
Brigando com o tôro no mato fechado,  
Que pega na ponta do bravo novio,  
Ganhando lugio do dono do gado.

Eu canto o mendigo de sujo farrapo,  
Coberto de trapo e mochila na mão,  
Que chora pedindo o socorro dos home,  
E tomba de fome, sem casa e sem pão.

E assim, sem cobiça dos cofre luzente,  
Eu vivo contente e feliz com a sorte,  
Morando no campo, sem vê a cidade,  
Cantando a verdade das coisas do Norte.

NOME		SEXO		EST. CIVIL		NACIONALIDADE		NATURAL DE		ESTADO	
DATA DE NASCIMENTO		( ) MASC. ( ) FEM.									
ENDEREÇO RESIDENCIAL								Nº		COMPLEMENTO	
BAIRRO		CIDADE		ESTADO		TELEFONE		CEP			
E-MAIL						RG					
NOME DA ESCOLA		UNIDADE				DISCIPLINA QUE LECIONA					
ENDEREÇO COMERCIAL						Nº		COMPLEMENTO			
BAIRRO		CIDADE		ESTADO		TELEFONE		CEP			
OUTRAS ESCOLAS ONDE LECIONA											

Solicito minha inscrição como associado neste Sindicato, sujeitando-me aos seus estatutos e regulamentos, e bem assim comprometendo-me só deslindar do meu direito de sindicalizado à diretoria.

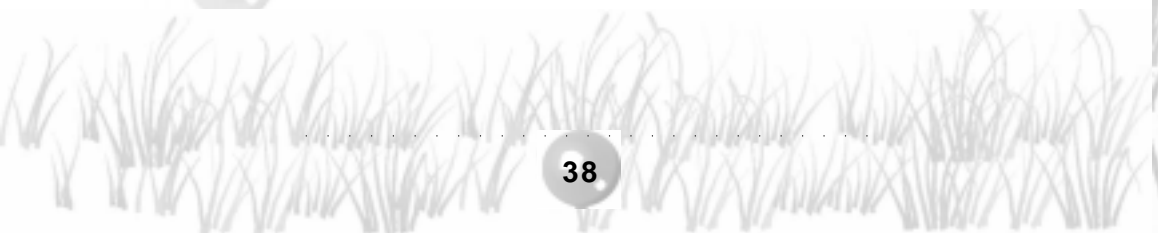
### Opção de pagamento

Autorizo o desconto em folha de pagamento

Pagamento na sede SINPRO-ABC

Santo André, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ assinatura



## **Caderno de Formação - 05** **Mar de palavras: Poesias reunidas**

**Publicação de responsabilidade do Sindicato dos Professores do ABC**

- Presidente: Profª Célia Regina Ferrari
- Diretor responsável: Prof. Paulo Cardoso de Souza
- Diretor de imprensa: Profª Oswaldo de Oliveira Santos Junior - [oswaldo@sinpro-abc.org.br](mailto:oswaldo@sinpro-abc.org.br)
- Revisão e textos biográficos: Jornalista Adriana Reis (Mtb: 37.488)
- Revisão: Denise Fiomena Marques Belquior
- Capa: Oswaldo de Oliveira Santos Junior e Israel Barbosa
- Arte e diagramação: Israel Barbosa - [israel@sinpro-abc.org.br](mailto:israel@sinpro-abc.org.br)
- Impressão: Diário Artes Gráficas - Tiragem: 5.000

**EXPEDIENTE**

Reprodução parcial sob autorização do MST - Movimento dos Trabalhadores sem Terra  
FoneFax: (11) 3361-3866 - [semterra@mst.org.br](mailto:semterra@mst.org.br)

[www.serhumano.com](http://www.serhumano.com)

*Acessar o site da inteligência  
E obter respostas confiáveis,  
Objetivas...  
Procurar numa máquina?  
Só se for a humana!  
Quando se trata de sentimento,  
é tela cbeia.  
No arquivo da memória,  
quando informação armazenada!  
Mas é preciso procurar na caixa de entrada,  
Dos olhos de alguém.  
Imprimir os resultados?  
Só se for na seqüência da vida  
Que a história confirma  
Visualizar essa impressão  
Cabe aos mais atentos.  
Nem é preciso deletar os infortúnios  
Pois eles acabam se inserindo  
no recôncito da alma  
e dela fazendo parte insofismável, indeletável...  
Salvas as alegrias e felicidades  
É regra geral que se quer guardar,  
Não em uma lixeira qualquer,  
Mas em todo ambiente de uma rede amiga...  
E para acabar com todo estresse,  
Em busca de algo mais,  
É preciso exibir com mais amor  
Os dons que recebemos  
Quando Deus criou nosso sistema.*

Prof. Maria Paula Siqueira Costa,  
participou do Primeiro Concurso Nacional de  
Poesias aBRece



Sindicato dos Professores do ABC  
Rua Pirituba, 61/65 - B. Casa Branca  
Santo André - SP - CEP: 09015-540  
[www.sinpro-abc.org.br](http://www.sinpro-abc.org.br) - [sinpro@sinpro-abc.org.br](mailto:sinpro@sinpro-abc.org.br)

Filiado à:

**FEPESP**

**contes**

**CUT**